

Lume!

Lume para a caverna

musas

emes de mim

usem-me

Comentário do próprio poeta no depoimento ao MIS do Pará, em 1996:

“Eu anotei nos meus cadernos um poema novo, em que começo, um poema que quero que seja longo, para escrever durante um ano, que tenha 365 versos, vamos dizer assim, como o começo de uma autodisciplina para me forçar a escrever. E eu começo, e naturalmente, isso pode até não entrar no poema, sair do poema, até uma coisa biográfica. ‘Lume!’, com exclamação.

(...) Então aí, esse primeiro verso, desse poema longo que quero fazer e que mal começou, é uma invocação e uma convocação das musas. E tem muitas musas que, por acaso, são ‘emes’, de nomes com M, que coincidem com o meu, com meus dois ‘emes’. Então o M já passou a ser uma coisa também mítica. Isso é importante. Porque a coisa mais importante que existe na vida é o amor.”

Recebido em 13 de dezembro de 2016.
Aprovado em 15 de dezembro de 2016.

Max Martins, *poema inédito*

Clara. Claríssima

A não-paixão segundo ela Ir
vivendo o que for sendo
zen

Eu sou o que não diz Eu
sou o que não sei
suo

escrevo-escravo falo
pedregulhos na planura
rastejando
as quatro estações
são

Clara Clarice
infinita mente alma
viva
vival

O poema nos foi cedido gentilmente pela Prof. Amarílis Tupiassú, que o recebeu das mãos do poeta quando ministrava curso na Casa da Linguagem, em Belém, em meados dos anos 1990.

Recebido em 7 de dezembro de 2016.
Aprovado em 8 de dezembro de 2016.

Clara. Claríssima

A não-paixão segundo ela 12
vivendo o que foi sendo
zen

Eu sou o que não diz Eu
sou o que não sei

Suo .

escravos-escravos falsos
pedregulhos na planície
rastefardo
as quatro estações

São

Clara Clarice

infinitamente alma

Viva

Vival

Manuscrito de Clara. Claríssima, de Max Martins

“A Casa da Linguagem movia curso a alunos pobres. Um se organizava à volta de poemas de Max que eram leitura obrigatória ao Vestibular. Eu ‘lia’ esses poemas aos estudantes. E proibia o Max de comparecer. Quando dava fé, lá ele entrava sorrateiro. Ia até ele e dizia: ‘Sai, Max, vai embora’, ele me dava um beijo e ficava e, de quando em vez, fazia revelações sobre os poemas. Um dia, aliás, uma noite, ao final da aula, sem falar, empurrou na mesa do professor esta folha, sem data de feitura. A data do fato também morreu em mim. Esqueci de perguntar”.

Belém, 7 de dezembro de 2016,
Amarílis Tupiassu

Recebido em 7 de dezembro de 2016.
Aprovado em 8 de dezembro de 2016.